

RECADO DE PARIS

PARIS, maio — Contel ontem a passagem de Thomas Mann por Paris. Ela coincidiu com a proposta Schuman para um "pool" da siderurgia franco-alemã; seja o que for que se pense dessa proposta, e de sua viabilidade, ela tem um grande conteúdo emotivo para dois povos que estão fatigados de se desgastarem mutuamente. A França aprende, ou tenta aprender, a falar europeu. E por isso ouve com uma comovida atenção a palavra desse homem a quem já se chamou "o Goethe de nosso tempo".

Falando a Jean Fougère, de "Combat", Thomas Mann disse: "Acho que o antagonismo crescente entre o Ocidente e o Oriente pode acabar em conflito. Não creio, porém, que isso seja inelutável. Pelo contrário, tenho a impressão de que cada ano que passa pode nos dar chances suplementares. Sabemos para que fins nefastos podem ser utilizados os progressos da ciência e da técnica. Porque não dizer também, sem cair na utopia, que esses novos meios técnicos podem servir para desenvolver as possibilidades de entendimento entre os povos? Entrevejo essa possibilidade sobretudo entre americanos e russos. Acho que não se presta suficiente atenção a um fato que eu sempre constatei por ocasião de minhas viagens: existe entre o caráter russo e o americano uma semelhança certa. E' claro que o interesse pode separar pessoas feitas para se entenderem.

Mais adiante: "O espírito alemão sofreu apenas uma purificação parcial. Não se deve dissimular o fato de que persiste um nacionalismo poderoso. Sou obrigado a dizer: que a França esteja alerta! Apresso-me a esclarecer que com essa advertência não quero lançar a suspeita sobre a Alemanha em bloco. Há duas Alemanhas de aspirações opostas. Há uma Alemanha européia e uma Europa à alemã. E' à primeira que pertenco".

Suas impressões da juventude alemã: "Uma grande parte dela retrai-se quando se pronuncia em sua frente a palavra "democracia". A ocupação provavelmente não lhe deu exemplos nem ocasiões que a levassem a estimar essa palavra. Ela também não crê no comunismo. Sua preocupação principal é viver. A guerra criou a confusão e o desespero. Lançou os jovens no nihilismo nietzchiano — e não apenas, acredito, os jovens alemães como os de todos os países que ela desgastou."

Falando a Dominique Arban, do "Figaro Littéraire", Thomas Mann lembrou as velhas tradições humanistas da Alemanha. "As três expressões da Alemanha são Lutero, Goethe e Bismarck. Os alemães sempre deram preferência ao "tipo Lutero" ou ao "tipo Bismarck". Mas existe o "tipo Goethe", e é justamente nele que reside toda a grandeza alemã; uma grandeza absolutamente mundial."

Confessa que no fim da primeira Grande Guerra era um representante de uma espécie de espírito romântico e burguês — e se defendia contra o espírito democrático, o espírito da metafísica, da música... "E' muito estranho: Fui sempre um europeu influenciado pelos grandes franceses, pelos grandes russos, pelos grandes ingleses. Fui fortemente influenciado pelo anti-liberalismo — como Dostoiévski, como Schopenhauer, como Nietzsche. Foi isso que precipitou meu movimento para o irracional. Tive uma enorme dificuldade a vencer, enorme para um alemão como eu: achar, apesar deste anti-liberalismo, apesar de minhas admirações — e sem renegá-las — um caminho para o humanismo democrático".

Como era inevitável, falou-se a seguir do comunismo. Deixo, entretanto a resposta de Thomas Mann para outro "Recado".

20.5.50 R. B.